



CARLOS BENJAMIM DE LYRA
(1927-1974)



Carlos Alberto Barbosa Caio Dantas¹

INTRODUÇÃO

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência deseja prestar uma homenagem a cientistas brasileiros que tiveram um papel relevante no desenvolvimento das ciências e da matemática no Brasil, e que atuaram principalmente nas universidades e institutos de pesquisa do estado. Solicitaram-me que traçasse o perfil do professor Carlos B.

1. Professor titular aposentado do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo.

de Lyra, com base em entrevistas de seus familiares, colegas discípulos e amigos. Recebi a incumbência, por um lado, com tristeza, por lembrar que já faz 37 anos que não contamos mais com seu convívio, pois Lyra faleceu muito jovem, aos 46 anos, em 1974; mas, por outro lado, com satisfação, por poder trazer para nossos colegas mais jovens de universidade um perfil do Lyra, pessoa que muito impactou o Departamento de Matemática do Instituto de Matemática e Estatística – IME, bem como a Universidade de São Paulo – USP, com reflexos na sociedade. Isso será feito por meio de entrevistas com Leda Lacerda de Lyra, sua viúva; Sylvia Lacerda de Lyra, sua filha; seu discípulo Paulo Ferreira Leite e de um relato pessoal meu, pois fui aluno, colega de instituto, companheiro nas jornadas socialistas e amigo de Lyra.

ENTREVISTA COM LEDA LACERDA DE LYRA E SYLVIA LYRA

CAIO: Leda e Sylvia, esta entrevista fornece subsídios para uma homenagem ao Lyra, que será publicada em um volume editado pela SBPC. Eu gostaria que vocês nos relatassem alguns aspectos do Lyra que passarei a solicitar. Eu, doravante, dirigirei as perguntas em nome de Leda para facilitar, ainda que as duas as respondam. Dirigirei as perguntas referentes a Carlos Benjamin de Lyra simplesmente chamando-o Lyra, pois é assim que o tratávamos na Faculdade; e nas respostas de Leda a menção será a Carlos.

CAIO: Em que ano Lyra nasceu? Em que lugar e quem eram seus pais?

LEDA: Carlos nasceu no dia 23 de novembro de 1927, em Recife. Seu pai, Carlos Lyra Filho, era jornalista, usineiro e intelectual. Carlos Lyra Filho era proprietário do *Jornal do Commercio*, um jornal de grande prestígio nacional. Dividia suas ocupações entre a usina, localizada em Alagoas, próximo da fronteira com Pernambuco, e suas atividades como jornalista, em Recife. Carlos Lyra Filho teve cinco filhos em seu primeiro casamento. Viúvo, casou-se com Elizabeth Lau, que era alemã de nascimento, com a qual teve dois filhos, sendo um deles Carlos. Seu pai faleceu quando Carlos tinha nove anos.

A mãe casou-se em Recife com um americano que era corretor de açúcar na bolsa de valores de Nova York. Ela e o marido foram para os Estados Unidos, levando Carlos e seu irmão.

CAIO: Como foi a educação de Lyra nos primeiros anos?

LEDA: Carlos não frequentou escola nos primeiros anos, sendo ensinado por uma preceptora, e fez dois anos do curso primário em Recife. Nessa época, aprendeu alemão. Sua família era muito rica, tinha uma grande casa em Recife, que hoje é sede da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, além de casa de praia e engenho.

CAIO: Como foi sua formação escolar nos Estados Unidos?

LEDA: Nos Estados Unidos, Carlos frequentou uma escola católica, onde completou o equivalente ao primário e ao curso ginásial. Carlos foi aceito em várias universidades dos Estados Unidos. Dizia que queria ser astrônomo. Seu padrasto queria encaminhá-lo para trabalhar em Wall Street. No entanto, ele tinha uma visão muito crítica da sociedade americana e não quis obter a cidadania americana. Voltou para Recife com dezessete anos, para fazer o serviço militar no Brasil e continuar com a cidadania brasileira. Seu irmão mais velho, filho do primeiro casamento de seu pai, foi seu tutor até a sua emancipação.

CAIO: O Lyra tinha algum *hobby*? Gostava de esportes?

LEDA: Carlos gostava muito de aviação e tinha conhecimento detalhado de vários modelos de aviões. Nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, ele acompanhava os combates, traçando mapas da evolução da guerra. Jogava rúgbi e, num jogo, quebrou a perna. Gostava muito de barcos, velejava e tirou a carta náutica em Massachusetts para velejar em águas frias.

CAIO: Estando de volta a Recife, quais foram os planos do Lyra para seu futuro?

LEDA: Carlos gostava muito de matemática e decidiu ir para São Paulo, em 1946, fazer o curso de Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Formou-se em 1949, com 22 anos, e, em 1950, foi para a França para fazer cursos de pós-graduação e pesquisa em Matemática.

CAIO: Na França, com quem estudou?

LEDA: Carlos estudou com Henry Cartan e participou de seminários de seu grupo.

CAIO: Qual era o núcleo de amigos que vocês encontraram ou fizeram em Paris?

LEDA: Era um grupo bem eclético de intelectuais de várias formações. Posso mencionar alguns de nossos amigos: Geraldo de Barros, que era artista plástico; Jean Meyer, físico; Marlise Meyer, que estudava literatura; Claudio de Moura Castro, economista; Maurício Segall, que fez administração; Maria Isaura Pereira de Queiroz, que era socióloga; Claudio Abramo, que era jornalista; e Radha Abramo. Conheci Carlos nesse período, namoramos e, quando voltamos ao Brasil, nós nos casamos. O casamento foi na casa de Lasar Segall, o pintor, pai de Maurício.

CAIO: Quantos filhos, além de Sylvia, vocês tiveram?

LEDA: Tivemos mais dois filhos, Jorge e Eduardo.

CAIO: Voltando de Paris para São Paulo, qual foi a atividade desenvolvida pelo Lyra?

LEDA: Carlos foi contratado como assistente do professor Omar Catunda, que era o catedrático de Análise Matemática no Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A outra, como assistente do professor Catunda, era Elza Gomide.

CAIO: Onde vocês residiam em São Paulo?

LEDA: Com recursos da família de Carlos, compramos uma casa na rua Gomes Pimentel, na Vila Mariana. Era um sobrado. Nossa casa era frequentada por vários amigos, entre os quais se incluía o pessoal que já mencionei, e com quem convivemos em Paris. Desse segundo grupo, também faziam parte Paul e Evelyn Singer; Darle Lara e sua esposa, Isabel; Jorge Leal Ferreira, físico, e sua esposa, Ilse; Azis Simão, sociólogo, e sua esposa, Nena; Manuel Tavares e sua esposa, Florence; Cecília Rosenthal.

Em 1961, depois de passar um ano como professor convidado/visitante na Universidade de Princeton, em New Jersey, Estados Unidos, a família mudou-se para uma casa bem maior, na rua Afonso Celso, também na Vila Mariana, onde viveu até seu falecimento.

CAIO: Quais as ideias políticas do Lyra? Ele tinha algum envolvimento na política partidária?

LEDA: Carlos era um intelectual socialista. Não só tinha formação teórica, mas também foi membro do Partido Socialista Brasileiro, sendo companheiro de Paul Singer e Febus Gikovate, entre outros, no partido na primeira metade dos anos 1950.

CAIO: Voltando à vida acadêmica, você poderia me dizer quando Lyra fez as etapas da carreira docente?

LEDA: Carlos fez o doutoramento no Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1957. Fez o concurso para livre-docência em 1974; mas, infelizmente, veio a falecer logo após o concurso. A tese do Carlos foi revisada e submetida, *post mortem*, à publicação por Peter Hilton, com quem Carlos mantinha intercâmbio e colaboração intensa.

CAIO: O Lyra teve uma formação muito eclética e rica desde a infância, como você nos relatou. Fez o equivalente ao curso secundário nos Estados Unidos, estudou matemática em São Paulo e Paris. Em seu juízo, quais as influências que mais marcaram sua formação?

LEDA: Carlos se interessava por inúmeros assuntos como filosofia, filosofia da ciência, história, sociologia, política... Era um leitor ávido e tinha uma vasta biblioteca.

ENTREVISTA COM PAULO FERREIRA LEITE, PROFESSOR DOUTOR
DO DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA DO INSTITUTO DE
MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA DA USP

CAIO: Se não me engano, você é engenheiro, não é?

PAULO: Não. Não cheguei a me formar em engenharia. Fazia simultaneamente a Escola Politécnica e Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL. Quando estava no quarto ano da Politécnica, formei-me em matemática, e o professor Waldyr Muniz Oliva, então professor catedrático da Escola Politécnica, me convidou para

ser seu assistente. Deixei o curso de Engenharia Civil e passei a ser professor assistente do professor Waldyr.

CAIO: Você poderia me dizer por que foi fazer engenharia?

PAULO: Meu pai, inicialmente, achava que eu deveria fazer a Faculdade de Direito. Ele era magistrado e dois de meus irmãos seguiram o mesmo caminho. Eu preferia engenharia, e meu pai acabou me encorajando a ir nessa direção. Entrei simultaneamente na Escola Politécnica e no curso noturno da Seção de Matemática da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Naquela época era permitido fazer dois cursos simultaneamente. Como expliquei antes, acabei optando pela matemática.

CAIO: Quando você se interessou pela matemática?

PAULO: Sempre gostei de matemática, mas meu interesse aumentou durante o curso de engenharia. O Instituto de Pesquisas Matemáticas - IPQM, hoje extinto, tinha como sede algumas salas do prédio do Biênio da Escola Politécnica, e, aos poucos, comecei a assistir a palestras e cursos que eram lá ministrados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Era um local muito estimulante do ponto de vista científico e abrigava estudantes bolsistas, provenientes principalmente de países da América do Sul. A maior parte deles eram uruguaios e venezuelanos.

Além dos matemáticos da USP, muitos outros matemáticos brasileiros ministraram cursos, conduziram seminários ou deram palestras nesse Instituto. Entre eles, posso destacar os professores Artibano Micali, Renzo Piccinini, José Barros Neto, Geraldo Ávila, Leopoldo Nachbin, Elon Lages Lima, Maurício Peixoto, Jacob Palis. A lista é muito longa para citar todos nominalmente. Havia também um grande número de visitantes estrangeiros, alguns começando a carreira, outros matemáticos eminentes como Rene Thom, S. S. Chern, J. L. Koszul, L. Schwartz.

O professor visitante que mais me beneficiou e a quem devo meu doutoramento e boa parte de minha formação matemática foi o professor Peter J. Hilton, de quem falarei adiante.

CAIO: Como conheceu Lyra?

PAULO: Foi por meio da professora Elza Gomide. Ela desempenhou um papel fundamental na formação – no sentido mais amplo possível,

e não apenas matemático – de muitos, talvez a maioria, dos alunos que estavam começando seus estudos de pós-graduação, que, na época, ainda não estava regulamentada. Mantinha seminários, incentivava, orientava e tirava dúvidas dos alunos, e não apenas das disciplinas que estava lecionando. Ela era muito culta e de fácil acesso. Muitos matemáticos de minha geração devem muito a ela. Meus primeiros contatos com o professor Lyra aconteceram num seminário sobre Variedades Diferenciáveis, conduzido pela professora Elza no 1ºq.m. O professor Lyra fez algumas exposições no seminário que me impressionaram bastante. Ele não se preocupava muito com formalismos inúteis, conseguia motivar os alunos e destacar as ideias principais. A primeira impressão que suas aulas me causaram foi de desorganização. Logo percebi que o que julgava como desorganização era, na realidade, um domínio do assunto que lhe permitia tornar evidente o que precisava ser destacado, fazer as conexões com outras áreas da matemática e dar uma boa visão do que viria pela frente, bem como aonde pretendia chegar. Lembro com muitas saudades e gratidão de suas aulas e das conversas que tive com ele.

CAIO: Você pode me falar sobre o papel do Lyra no Departamento de Matemática?

PAULO: O professor Lyra era muito culto e aberto a todo tipo de discussões. Mantinha relações com professores importantes tanto do Brasil como do exterior. Alguns desses professores eram matemáticos do mais alto calibre. Convidou uma quantidade muito grande de professores brasileiros e estrangeiros para darem palestras no IME e passarem temporadas curtas no Brasil. Entre os estrangeiros com quem tive contato pessoal mais próximo, posso destacar os professores Peter J. Hilton, que esteve diversas vezes no Brasil; o professor Arunas Liulevicius, da Universidade de Chicago e que, lá, orientou diversos alunos brasileiros; o professor Paul Ledergerber, que acabou se radicando no Brasil; o professor U. Sutter e muitos outros. O professor Peter J. Hilton, infelizmente falecido em 2010, prestou enormes serviços ao Departamento. Foi meu orientador de doutoramento, e a ele devo quase tudo que sei de matemática. Resumindo: posso dizer

que o professor Lyra era, por sua vasta cultura geral e matemática, sua elegância e generosidade, um grande líder. Em sua área de conhecimento, Topologia Algébrica, formou muitos matemáticos e era um mentor incontestado.

Vou mencionar um fato que dá a dimensão da generosidade do professor Lyra. Imediatamente após a fundação do IME, eu era um professor recém-contratado, proveniente da Escola Politécnica. Também dava, como bolsista, aulas de cálculo na FFCL. Os professores Elza e Lyra me ajudaram muito na preparação dessas aulas. Como o IME ainda não tinha prédio e estava acomodado precariamente no prédio da antiga reitoria, não havia salas em número suficiente para todos os professores, principalmente para os iniciantes. Vendo essa situação, o professor Lyra me convidou para, sempre que precisasse, utilizar sua sala. Percebi, imediatamente, a dimensão de sua generosidade e desprendimento.

O professor Lyra tinha um grande prestígio na matemática e em toda a universidade. Professores de todas as áreas iam visitá-lo em sua sala e com ele se aconselhavam. O Departamento de Matemática era bastante heterogêneo, pois, além de ser muito grande – tinha, na época, aproximadamente cem professores –, os professores eram provenientes de diversas escolas e tinham formações bastante diferentes. Isso gerava conflitos de diversas origens e difícil solução. O professor Lyra, durante o tempo em que esteve no departamento, por seu temperamento, cultura e clara visão do que deveria ser uma universidade, foi sempre o natural mediador. Ao contrário do que ocorreu no Departamento de Estatística – que, além de ser menor, contava com sua forte liderança e uma política clara e eficiente de como formar pesquisadores –, nosso departamento se ressentiu, durante muito tempo, da ausência de professores importantes como Jacy Monteiro e Lyra, infelizmente falecidos muito prematuramente.

DEPOIMENTO DE CARLOS ALBERTO BARBOSA CAIO DANTAS

Conheci o Lyra em 1955, como professor de exercícios na cadeira de Análise Matemática do professor Omar Catunda, do qual ele e Elza Gomide eram assistentes no Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Catunda escreveu um texto sobre Análise Matemática em sete volumes, que, por ser impresso em capa mole, era denominado "apostilas do Catunda". É um texto bem escrito, que seguia a linha dos analistas italianos. As aulas do Lyra eram magníficas. Duas características do Lyra eram marcantes: tinha um entusiasmo contagiante e, mesmo dando uma aula de exercícios, relacionava os tópicos tratados com outras áreas da análise e, muitas vezes, com outras áreas da matemática e da física. Não fiz outras disciplinas com o Lyra, mas os contatos estabelecidos naquele ano se fortaleceram e eu sempre trocava ideias e o consultava sobre tópicos de matemática. Ele tinha, além da cultura matemática, grande cultura geral. Eu militava no grêmio da Faculdade e estava adquirindo minha formação política, lendo Marx, Engels, os socialistas utópicos como, por exemplo, Saint Simon e Robert Owen. Conversava muito com o Lyra e sempre saía com minha formação enriquecida. Depois de formado, fui trabalhar na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, em 1960. Em 1961, fui para Berkeley fazer o doutoramento em estatística, retornando a São Paulo em 1966. Lyra teve também influência nos destinos da estatística, pois, juntamente com os professores Candido Lima Silva Dias e Chaim Hönnig, propôs ao professor Eurípedes Simões de Paula, diretor da FFCL, o meu contrato para reger a cadeira de Estatística Teórica no Departamento de Estatística daquela Faculdade. Essa posição deu-me a oportunidade de estabelecer um programa de formação de docentes para o departamento, com amplo intercâmbio com centros do exterior, que, com a reforma dos estatutos da USP de 1969, viria a ser incorporado ao Departamento de Estatística do recém-criado Instituto de Matemática e Estatística. Lyra fez parte de comissões da reforma, mantendo contato e colaboração com o vice-reitor em exercício, Hélio Lourenço de Oliveira, que veio a ser cassado pelo regime militar juntamente com

23 renomados professores da USP, entre os quais cito, a título de exemplo, Mário Schenberg, Villa Nova Artigas, Florestan Fernandes. Lyra se dedicava aos problemas do IME e da USP com igual empenho. Na construção do prédio do IME, ele foi praticamente o responsável pelo projeto de construção da biblioteca. Lembro-me de vários encontros com ele e com os professores Candido, Jacy Monteiro e Elza Gomide, nos quais ele nos mostrava plantas de várias bibliotecas de matemática, principalmente em universidades norte-americanas, procurando levar aos arquitetos o desejo da comunidade matemática de como deveria ser construída a biblioteca. O IME, graças ao interesse do Lyra, foi um dos primeiros institutos da USP a ter uma biblioteca funcional, planejada para atender a todos os seus consulentes. No âmbito das atividades docentes, Lyra participou ativamente da fundação da Associação dos Auxiliares de Ensino da USP, que teve papel de relevo na criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. A principal área de atuação de Lyra na matemática foi a Topologia Algébrica, e ele foi um líder responsável pelo desenvolvimento dessa área no IME, como bem destacou Paulo Ferreira Leite. Seus contatos com professores estrangeiros de grande gabarito, bem como sua participação nas atividades desenvolvidas por eles nas visitas que fizeram a São Paulo, na maioria das vezes a seu convite, expandiram os horizontes das áreas da matemática a que se dedicou e do grupo que liderava. Quanto a esse aspecto, remeto o leitor interessado ao número especial do *Boletim da Sociedade Brasileira de Matemática* – SBM, editado por Peter Hilton em sua homenagem. No prefácio editorial, Hilton destaca alguns aspectos da atividade de Lyra, e do qual cito o seguinte trecho:

Carlos Lyra made extremely important contributions to algebraic topology over a number of years. However, a mere list of his published papers does not begin to do justice to the nature of his contribution to the advancement of mathematics in Brazil and in São Paulo in particular. Lyra developed extremely fruitful contacts with a number of mathematicians drawn from many countries. Indeed all contributors to this memorial issue are people who knew him personally and who cooperated with him.

Os matemáticos que contribuíram para esse volume em homenagem ao professor Lyra foram Jean Dieudonné, L. Favaro e R. Wells, Armin Frei, Morikuni Goto, Peter Hilton e Guido Mislin, Arunas Liulevicius, J. R. Hubbuck, Renzo A. Piccinini e Ulrich Sutter. Esse volume contém ainda uma biografia póstuma de Lyra, elaborada pelo conselho editorial da revista com a colaboração dos professores Candido Lima da S. Dias, Chaim Samuel Hömig, Elza Gomide, Ofelia Teresa Alas e Flavio Wagner Rodrigues, na qual é feita uma análise dos trabalhos de Lyra e que traz outras informações sobre sua atividade.

Quero agradecer a Leda e Sylvia Lyra pela disposição de me concederem esta entrevista. Ao Paulo Ferreira Leite, agradeço a entrevista e a lembrança do *Boletim da Sociedade Brasileira de Matemática*, vol. 5, n. 2, 1974, citado.